

Música no Museu

7 FEV'26

15h30

VISITA GUIADA

NOVO REALISMO E POP

16h00

RECITAL DE PIANO

SONATAS E INTERLÚDIOS

DE JOHN CAGE

ELSA SILVA



MAC/CCB

CCB



Temporada 2025/2026

Música no Museu

MAC/CCB

sábado, 16h

+6

Duração aproximada:

Visita (30 min) + Concerto (70 min)

PROGRAMA

15h30

Visita guiada com **João Mateus**

Tema: **Novo Realismo e Pop**

16h00

Concerto

Piano **Elsa Silva**

John Cage (1912–1992) *Sonatas e Interlúdios*, para piano preparado

Uma iniciativa entre o Museu de Arte Contemporânea e Centro de Arquitetura e as Artes Performativas do CCB. Programação musical de Cesário Costa.

Nos dias em que decorre o Ciclo **Música no Museu**, o programa **A Voz das Cores**, da **Antena 2**, da autoria de **Andrea Lupi**, será inteiramente dedicado ao concerto e às obras que podem ser visitadas no MAC/CCB.

MÚSICA NO MUSEU

Que as artes dialogam não é novidade — a surpresa está, talvez, na sintonia entre a música de John Cage ou Morton Feldman e as obras da Coleção Berardo.

De janeiro a abril de 2026, sempre aos sábados, grandes nomes da música e da arte encontram-se no 2.º piso do MAC/CCB, em recitais enquadrados pela exposição *Uma deriva atlântica. As artes do século XX a partir da Coleção Berardo*, numa convergência entre a programação do MAC e as artes performativas do CCB, com programação musical de Cesário Costa.

O ciclo «Música no Museu» inicia-se com o recital de piano de Ana Telles, *Silêncio em três tempos surreais* (31 de janeiro), uma viagem entre o insólito e o poético inspirada pelo surrealismo. O programa percorre obras dos séculos XIX e XX que exploram o humor, o sonho e a transcendência, de Tailleferre, Poulenc, Bonis e Satie a Scelsi, Tanaka, Gubaidulina e Messiaen.

Segue-se *Sonatas e Interlúdios* (7 de fevereiro), de John Cage, interpretada por Elsa Silva — uma obra para piano preparado que transforma o som em paisagens sonoras inéditas. Criada entre 1946 e 1948, explora as emoções humanas segundo a filosofia indiana do *rasa*, combinando rigor formal e liberdade tímbrica.

Depois, *Duo Sirius* (7 de março) percorre o universo da música minimalista, entre a contemplação e o ritmo hipnótico da repetição, com obras de Steve Reich, Philip Glass e Arvo Pärt, e de compositores-guitarristas como Gulli Björnsson, Atanas Ourkouzounov e Marek Pasieczny.

Camilla Mandillo (11 de abril) encerra o ciclo com uma homenagem a Morton Feldman e às suas «três vozes». Escrita para uma voz ao vivo e duas pré-gravadas, *Three Voices* combina minimalismo e silêncio com fragmentos de um poema de Frank O'Hara, revelando a estética contemplativa e experimental do compositor.



Vista parcial da exposição *Uma deriva atlântica*.
As artes do século XX a partir da Coleção Berardo
© António Jorge Silva

NOTAS AO PROGRAMA

Sonatas e Interlúdios é uma obra para piano preparado, escrita entre 1946 e 1948, por John Cage (1911–1992). É composta por dezasseis sonatas (termo que remete para a sonata pré-clássica), maioritariamente em forma binária, com repetições (AABB), intercaladas por quatro interlúdios em forma livre. A obra organiza-se simetricamente: as sonatas dividem-se em grupos de quatro, com o primeiro interlúdio a suceder ao primeiro grupo, o segundo e o terceiro ao segundo grupo, e o quarto ao terceiro grupo.

Estreada em 1949, *Sonatas e Interlúdios* foi bem recebida pela crítica, contribuindo para que Cage surgisse como um dos compositores americanos mais relevantes da sua geração. A obra representa o culminar de várias tendências que Cage desenvolvera ao longo da década anterior, nomeadamente no experimentalismo tímbrico, na utilização de proporções estruturais e na infusão de influências filosóficas orientais.

O pensamento estético e a produção composicional de Cage são indissociáveis das muitas e férteis relações que o músico, desde cedo, foi cultivando com outros artistas, e que proporcionaram cruzamentos recíprocos de ideias e sensibilidades. Durante as décadas de 1930 e 1940, Cage travou conhecimento com algumas das figuras mais marcantes das vanguardas artísticas de então, e os críticos apontavam com frequência um traço dadaísta às polémicas e performativas palestras que proferiu ao longo dessas décadas, em diversas ocasiões. O compositor, de facto, viria a assumir uma afinidade com o movimento Dada, no seu questionamento radical das convenções sobre a natureza da arte e do objeto artístico, e em particular com Marcel Duchamp (1887–1968). Mas foi também com uma geração mais nova que Cage estabeleceu um frutuoso diálogo de muitas décadas, com artistas plásticos como Robert Rauschenberg (1925–2008) ou o coreógrafo Merce Cunningham (1919–2009), seu colaborador e companheiro.

A composição musical para dança esteve, aliás, sempre presente na carreira de Cage. Foi nesse contexto que surgiu a obra original para piano preparado *Bacchanale* (1940). Cage interessava-se pela percussão como veículo para libertar a música das amarras da tradição: a percussão permitiria emancipar o ruído, integrando-o como material artístico — como som musical. Em

Bacchanale, Cage colocou pequenos objetos por entre as cordas de um piano de cauda, de forma a que produzissem sonoridades percussivas, criando assim o equivalente a um *ensemble* de percussão num só instrumento. A conversão de objetos banais do quotidiano em materiais artísticos era característica de artistas como Duchamp ou Rauschenberg. Mas, ao desenvolver o piano preparado, foi sobretudo no compositor e pianista Henry Cowell (1897-1965) — que recorria à manipulação direta das cordas do piano com as mãos para produzir novas sonoridades — que Cage se inspirou. Se em *Bacchanale* e nas peças seguintes para piano preparado apenas algumas notas eram alteradas, a preparação de *Sonatas e Interlúdios* atingiu um elevado patamar de complexidade, exigindo mais de duas horas para preparar quarenta e cinco notas com parafusos, porcas, borrachas e pedaços de plástico.

Em linha com a ideia da percussão como modelo para a música do futuro, Cage elegeu a duração musical como parâmetro-mestre a ser trabalhado pelo compositor — um «organizador de sons» no tempo. Desenvolveu então um rigor obsessivo no estabelecimento de estruturas rítmicas quasi fractais, proporcionais em todas as escalas de uma obra, não só na duração das notas, mas também na das frases musicais e na das diversas partes de cada peça. É também neste aspeto que encontramos em *Sonatas e Interlúdios* um nível de complexidade superior ao da sua produção anterior, com proporções que envolvem frações, resultando numa métrica irregular.

O rigor intelectual neste planeamento estrutural contrasta com uma certa informalidade no restante processo composicional de *Sonatas e Interlúdios* (descrito por Cage como uma «improvisação considerada»), assim como nas escolhas relativas às preparações e aos seus materiais («como alguém escolhe conchas ao passear na praia»). Reconhece-se o lado improvisatório, por exemplo, na forma como, ao tocar a partitura num piano não preparado, surgem amiúde acordes, arpejos e sequências melódicas reminiscentes de uma sonoridade tonal — frutos do conhecimento tácito de um compositor-improvisador, figurações que lhe «estão nos dedos». É a preparação do piano que sublima essas figurações idiomáticas para um novo mundo de sons, desagregando-as das notas que representariam e das subjacentes funções convencionais de melodia e harmonia.

Sonatas e Interlúdios representa, por fim, o primeiro esforço de Cage na expressão, em música, de conceitos filosóficos orientais, pelos quais se

começou a interessar seriamente em meados da década de 1940. Segundo o compositor, a obra procura transmitir as emoções permanentes da tradição indiana: o heroico, o erótico, o maravilhoso, o jovial, a tristeza, o medo, a fúria, a repulsa — e a tendência para a tranquilidade que é comum a todas. O carácter introspectivo, e até por vezes meditativo, da obra reflete esta concepção, partindo de uma escrita por vezes quase minimalista, sendo reforçado pela sensação de estaticidade induzida pelas sempre presentes simetrias estruturais e pela ausência de um motor harmónico convencional que faça avançar a música em termos de tensões e resoluções.

A escuta proposta por Cage, sob o signo da tradição Zen, pressupõe uma abertura da mente para lá das convenções e expectativas puramente musicais do ouvinte. Encara a experiência artística na sua vivência completa de cada situação única e irrepetível de apresentação de uma obra, compreendendo nessa apresentação os seus elementos indeterminados: não só os relativos ao desempenho do executante ou ao resultado sonoro, sempre variável, da preparação do piano, mas também aqueles que se referem ao contexto em que a obra é apresentada, aos silêncios, ruídos e movimentos do público, à incidência da luz; em suma, a todos os fatores que possam influir na atenção do espectador. Procuremos, então, experienciar plena e abertamente *Sonatas e Interlúdios* tal como a obra se nos revela hoje, aqui.

Luís Bastos Machado



ELSA SILVA © PERSEU MANDILLO

Ana Telles

Estudou em Lisboa (Escola Superior de Música de Lisboa), Nova Iorque (Manhattan School of Music e New York University) e Paris, com Yvonne Loriod-Messiaen, Sara Buechner e Nina Svetlanova, entre outros. Doutorou-se na Universidade de Paris IV — Sorbonne (França). Mantém intensa atividade artística como pianista, tendo tocado em Portugal, Espanha, França, Itália, Irlanda, Alemanha, Reino Unido, Dinamarca, Polónia, Croácia, Cuba, Taiwan, Coreia do Sul, Brasil, EUA e Canadá, frequentemente em salas prestigiadas, de entre as quais se destacam a Salle Cortot (Paris), o Grande Auditório de Dijon (França), o Borden Auditorium (Nova Iorque), a Sophiensaele (Berlim). Em Portugal, contam-se concertos realizados, nomeadamente, no Grande e no Pequeno Auditórios da Fundação Calouste Gulbenkian, na Casa da Música, no Grande Auditório da Culturgest e no Pequeno Auditório do Centro Cultural de Belém, entre outras salas. Teve ainda a oportunidade de participar em festivais internacionais de relevo, como:

International Computer Music Conference, Festival Outono de Varsóvia (Polónia), Festival Colla Voce (Poitiers, França). Em Portugal, destacam-se, entre outros, os seguintes certames: Festival Cistermúsica, Festival Terras sem Sombra, Jornadas Nova Música, Festival Música Viva, Festival Internacional de Música de Aveiro, Ciclo Jovens Intérpretes (Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa), Festival Música em Leiria, Dias da Música (CCB, Lisboa), Festival Música portuguesa hoje (CCB, Lisboa), Festival Dias de Música Eletroacústica.

Foi solista com a Orquestra Sinfónica Nacional de Taiwan, as orquestras Gulbenkian, Metropolitana de Lisboa, Filarmonia das Beiras, Sinfonietta de Ponta Delgada, Clássica da Madeira, *Tutti* de Levallois, Orchestre de Flûtes Français, Conservatório de Dijon (França), *Nuova Amadeus* (Roma, Itália) e a Banda Sinfónica da Guarda Nacional Republicana, entre outras.

A sua discografia conta com mais de vinte e cinco títulos. Investigadora integrada do CESEM, é autora de um número significativo de capítulos de livros, artigos em revistas indexadas e edições musicais. Ana Telles foi bolseira da Fundação para a Ciência e Tecnologia e do Programa Fulbright.

Docente da Universidade de Évora desde 2009, foi Diretora da Escola de Artes dessa instituição, entre 2017 e 2024. É membro do Board of Representatives e do Executive Group da ELIA – European League of Institutes of the Arts. Atualmente, é Professora Catedrática e Vice-Reitora para a Cultura e Comunidade da Universidade de Évora.

Música no Museu

7 MAR

15h30

VISITA GUIADA

GEOMETRIA ÓPTICA

16h00

DUO DE GUITARRAS

REPETIÇÕES TRANSITÓRIAS

DUO SIRIUS

MAC/CCB

PISO 2

+6



**MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA
E CENTRO DE ARQUITETURA
LISBOA**



em parceria com o



Tintas Robbialac

SONY



ANTENA



ANTENA

